

**ALANÇO** Com taxas de juros menores, lucratividade de empresas não-financeiras supera a de instituições bancárias em 2003

# Bancos perdem liderança em rentabilidade

Editoria de Arte/Folha Imagem

**GUILHERME BARROS**

EDITOR DO PAINEL S.A.

Nos últimos anos, os bancos sempre registravam ganhos muito superiores aos das empresas não-financeiras. Em 2003, essa situação se inverteu. A rentabilidade das empresas não-financeiras foi superior a dos bancos.

Segundo estudo da **Austin Rating**, em 2003, as 20 empresas de capital aberto mais rentáveis registraram uma rentabilidade (lucro líquido sobre o patrimônio) média de 38,3%. Já a média das 20 instituições financeiras mais rentáveis foi de 30%.

As cem empresas de capital aberto mais rentáveis obtiveram uma rentabilidade média no ano passado de 28,1%. A média dos cem bancos foi de 19,7%.

De acordo com o estudo da **Austin Rating**, entre os setores não-financeiros, os mais rentáveis foram: bebidas e fumo (37,8%), química (31,7%), editorial e gráfico (29,1%), minerais (28,9%), mecânica (28,5%), transporte (28,3%), papel e celulose (27,6%) e produtos alimentícios (25,9%).

O trabalho da **Austin Rating** foi feito com base na compilação dos balanços de 808 empresas não-financeiras de 24 diferentes setores e mais 128 bancos.

Para **Erivelto Rodrigues**, presidente da **Austin Rating**, "os bancos não estão ganhando tanto quanto antes". Muitos setores, principalmente aqueles ligados à exportação e ao agronegócio, estão sendo mais rentáveis.

Segundo ele, a competição entre as instituições está cada vez mais acirrada, e os bancos estão sendo obrigados a baixar o "spread" (diferença entre o custo de captação e a taxa cobrada dos clientes).

Ao mesmo tempo, **Rodrigues** diz que, com a queda das taxas básicas de juros, as empresas estão reduzindo significativamente suas despesas financeiras em rela-

## EMPRESAS TÊM RENTABILIDADE MAIOR QUE BANCOS

As 20 maiores rentabilidades médias (lucro líquido sobre o patrimônio), em dezembro de 2003, em %

### Empresas de capital aberto

1ª	Ipiranga	95,9
2ª	Aços Villares	67,7
3ª	Cia Hering	61,7
4ª	Lojas Renner	59,0
5ª	Klabin	55,1
6ª	Fertibrás	52,6
7ª	Escelsa	49,4
8ª	AES Tietê	44,0
9ª	Fosfertil	41,3
10ª	Aubos Trevo	40,0
11ª	Bunge Brasil	36,7
12ª	Fras-le	35,6
13ª	Petrobras	34,0
14ª	Usiminas	32,6
15ª	AmBev	32,0
16ª	Aracruz	31,2
17ª	Sadia	30,3
18ª	Vale do Rio Doce	30,2
19ª	Tele Centro Oeste	29,8
20ª	Petroflex	29,4
Média das 20 maiores		38,3
Média das 100 maiores		28,1

Fonte: Austin Rating

### Bancos

1ª	BNP Paribas	42,7
2ª	BankBoston	40,2
3ª	Modal	37,2
4ª	Banespa	36,7
5ª	Banrisul	35,6
6ª	Paraná Banco	34,8
7ª	BBM	33,7
8ª	Toyota	33,3
9ª	Pactual	33,0
10ª	Santander	30,4
11ª	Honda	29,6
12ª	Pecúnia	28,8
13ª	Petrorantim	28,7
14ª	PEBB	28,2
15ª	Caixa	28,0
16ª	BMG	27,2
17ª	Banese	26,8
18ª	Tribanco	26,7
19ª	Itaú	26,5
20ª	Volvo	26,3
Média dos 20 maiores		30,0
Média dos 100 maiores		19,7

ção ao faturamento. "O custo do crédito baixou", diz.

Para **Cláudio Vaz**, diretor do departamento de economia da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), o resultado da pesquisa está distorcido porque muitas empresas ganharam com o câmbio. "O efeito cambial foi muito importante", diz Vaz.

Ao analisar o trabalho da **Austin Rating**, o economista **Júlio Sérgio Gomes de Almeida**, diretor-executivo do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), chama a atenção para o fato de que as exportadoras (minério, aço, papel e celulose, alimento e vestuário) foram mesmo muito favorecidas pelo câmbio. Até abril, o dólar valia R\$ 3,50.

Além disso, os preços internacionais subiram muito em 2003, o que ajudou também a elevar o ganho dessas empresas. O mesmo aconteceu com as empresas for-

nedoras para o setor agropecuário, cujos preços também subiram muito no ano passado.

O economista do Iedi observa, também, que a rentabilidade obtida pela Petrobras, no ano passado, também ajudou a desequilibrar os resultados das empresas não-financeiras. Se retirar do estudo, por exemplo, o setor químico (que inclui a Petrobras), a rentabilidade média das 20 empresas cai para 14%, abaixo, portanto, dos 30% obtidos pelos bancos.

### Ano do ajuste

Já **Roberto Luís Troster**, economista-chefe da Febraban (Federação Brasileira das Associações de Bancos), lembra que 2003 foi o ano do ajuste macroeconômico, com a atividade em baixa e os juros reais altos.

O estudo da **Austin**, segundo **Troster**, desmistifica a ideia de que os bancos ganham mais

quanto maior forem os juros. "Juro alto não ajuda banco."

Para **Troster**, o mais razoável é que os bancos, assim como as empresas, lucrem mais quando a economia vai bem. "Quando vai mal, sobe a inadimplência e cai a demanda por crédito, o que reduz o lucro dos bancos."

Segundo **Troster**, 2002 e 2001, anos em que os bancos registraram rentabilidades recordes, foram atípicos. As instituições, principalmente as estrangeiras, estavam carregadas de dólar e ganharam com a variação cambial.

O fato de as empresas não-financeiras terem sido mais rentáveis do que os bancos não significa, no entanto, que se pode esperar uma nova fase de investimentos. Segundo **Erivelto Rodrigues**, isso só vai acontecer quando os juros caírem mais e o país dispor de linhas de crédito mais abundantes e de mais longo prazo.